

# SIMPÓSIO ENTRE LINHAS: CONHECER, REFLETIR E DIALOGAR

Refletir sobre a afetividade e a sexualidade abordando várias linhas de pensamento, foi o mote para o Simpósio do Entre Linhas, que se realizou em Coimbra, entre os dias 28 e 29 de janeiro. Este projeto identifica-se como um projeto de escuteiros católicos e um diálogo em Igreja.

Texto: Cláudia Xavier | Fotos: Gonçalo Pinto



A Escola Superior Agrária de Coimbra, recebeu entre os dias 28 e 29 de janeiro, o Simpósio “Lugares da afetividade e sexualidade na configuração da identidade humana”, uma iniciativa do Corpo Nacional de Escutas (CNE), no âmbito do projeto Entre Linhas, sob a coordenação do Assistente Nacional, Pe. Luís Marinho. Este projeto é desenvolvido desde 2020, com o apoio da Fundação *Porticus*, a parceria da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, o Secretariado Nacional da Educação Cristã, o Movimento Scout Católico (MSC) e a Conferência Internacional Católica do Escutismo – Região Europeia (CICE).

O Simpósio do Entre Linhas permitiu a reflexão e o debate sobre a sexualidade e afetividade humana para que, como indicou a equipa responsável do projeto no Pórtico de Abertura deste Simpósio, se consiga responder a várias interrogações e encontrar um «horizonte de vida feliz, na qual a pessoa de Jesus Cristo nada tira do que a vida

tem de grande e belo». Como descreveu o Pe. Luís Marinho, o Entre Linhas é «um projeto de católicos, de escuteiros católicos, não é um diálogo com a Igreja, mas de várias instituições da Igreja». O Assistente Nacional acrescentou que este projeto é «fundamentado e alimentado no seguimento de Jesus Cristo. No meio de tantas polarizações na sociedade e na Igreja, queremos prestar atenção à nossa missão de educadores, para não deixarmos os jovens sozinhos, isolados nas suas questões, ou apenas entre eles e especialistas, mas para sermos interlocutores credíveis, rosto de uma Igreja que acompanha, cuida e propõe».

Para o Chefe Nacional do CNE, Ivo Faria, o Entre Linhas «é um projeto muito importante, principalmente porque nos ajuda a refletir e avançar, e porque nos ajuda também a melhorar o que é a nossa ação junto dos jovens [...], para acolher, compreender, para sermos melhores educadores dos nossos jovens que estão em total desco-

berta do mundo que os rodeia. Ainda bem que temos o apoio da Igreja para podermos avançar e refletir, para lidarmos com estas questões do dia a dia. [...] Sinto que isto é importante para todos nós, para os 15 mil voluntários que pensam nos seus jovens todos os dias». Por outro lado, o Chefe Nacional Adjunto, Paulo Pinto, destaca a importância do projeto Entre Linhas, para que possa acabar com «as zonas de sombra», para que o CNE possa ser «uma associação de portas abertas para todos, onde os dirigentes sejam formados sobre as questões da atualidade e atentos aos jovens de hoje». Paulo Pinto explica ainda que o CNE se destaca pelo seu «programa educativo que faz um desenvolvimento integral dos jovens, incluindo da área da afetividade» contudo, como o próprio reflete, «os nossos dirigentes têm alguma dificuldade em fazer a correlação entre a afetividade, a sexualidade e a fé em Jesus Cristo». Neste sentido, o projeto Entre Linhas, quer dar respos-

tas às chamadas «zonas de sombra», onde muitos dos educadores do CNE, se veem diariamente sem saber o que dizer.

### «Importa efetivamente agir»

O Simpósio “Lugares da afetividade e da sexualidade na configuração da identidade pessoal” contou com a presença de escuteiros, académicos e educadores de outras realidades eclesiais, entre os quais D. António Moiteiro, Bispo de Aveiro e Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé, e D. Jorge Ortiga, Arcebispo Emérito de Braga e vogal da mesma Comissão. D. Jorge Ortiga referiu que um simpósio é «sempre importante como espaço de reflexão e de partilha, tenho quase toda a certeza que daqui sairá como uma corrente para continuar a refletir, a pensar, e particularmente a operar e a agir de um modo diferente. Aqui foi sublinhado, e ninguém o ignora, que o problema da afetividade e da sexualidade é real, verdadeiro, existe; portanto, é uma ilusão fazer de conta que não existe ou passar ao lado. Importa efetivamente agir e começar, talvez mais do que agir, pro-agir. Com iniciativas, devidamente ponderadas, procurando sempre uma fidelidade, à doutrina da Igreja, como é próprio do CNE, mas também nesta procura de uma antropologia cristã, capaz de responder às inquietações das pessoas».

### Lugares de construção de uma identidade

Foram dois dias dedicados a refletir sobre vários lugares que explicam a conceção da identidade do indivíduo. No sábado, a primeira conferência plenária foi dedicada ao Lugar das Ciências, onde a oradora Susana Sá, dirigente do CNE e especialista da área de **Neurobiologia**, explicou a composição **neurobiológica** do ser humano no que a afetividade e sexualidade diz respeito. Após a conferência plenária, Carlos Costa, psicólogo, Américo Pereira, da área da Antropologia Filosófica, e Susana Sá, desenvolveram os diálogos cruzados, onde refletiram e debateram os temas abordados no Lugar das Ciências. Para Carlos Costa, ex-dirigente do CNE e psicólogo clínico «não têm de existir rótulos. Existem pessoas, seres humanos e é assim que nós devemos relacionar-nos, não rotulando as pessoas.

Acolher o outro com empatia e compaixão». Para Américo Pereira a «A sexualidade, como outras características ontológicas humanas, é sempre algo que [...] constitui a pessoa como um todo, a sexualidade não é “genitalizada”, pode, mas não tem que ser»

Após o almoço, seguiu-se o Lugar da Sociologia e da Política, com uma comunicação de Maria Manuel Vieira, intitulada “Olhar a realidade e interpelações educativas”, a partir de um estudo sociológico de 2021 sobre jovens entre os 13 e os 19 anos, que procurou compreender com quem falam, os temas mais falados, e como as relações são sexualmente vividas. Um olhar para compreender a realidade e as interpelações educativas, que deu o mote para os diálogos cruzados, entre Sandra Ribeiro, Presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), que falou das Políticas Públicas, Juan Ambrosio, Professor de Teologia, que explicou a perspetiva da Doutrina Social da Igreja, João Barbosa de Melo, Economista e deputado do PSD, que explicou a vertente da política, e Maria Manuel Vieira.

Sandra Ribeiro, presidente da CIG, refere que é importante abordar a afetividade e sexualidade dos jovens porque o mais importante «é conseguirmos conversar, conseguirmos comunicar e ter diferentes pontos de vista. Aliás, este projeto Entre Linhas [...] em que a ideia é pontos de vista diferentes, linhas de pensamento diferentes e o que é que conseguimos encontrar aqui de útil. Acho que efetivamente as questões de promoção dos direitos humanos, que é uma grande base do que estamos aqui a falar, isso é comum aos princípios cristãos naturalmente, mas também a um estado social de direito, como é o nosso. Portanto, há aqui uma linha de convergência muito grande, nisto que é a capacidade de conseguirmos educar mais e melhor os nossos jovens para serem homens e mulheres que sabem e que são capazes de criar uma sociedade igualitária e democrática. É esse o trabalho que queremos fazer (na CIG) portanto acho que há coincidência total».





### «A língua portuguesa tem tantas formas de dizer amor»

Na tarde de sábado, foi possível ainda abordar os Lugares de Concretização, com exemplos práticos de atividades para jovens criadas pela equipa Entre Linhas, nos módulos de formação de adultos no CNE (criados também no âmbito deste projeto), Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) e Famílias, no âmbito do Departamento Nacional da Pastoral e Família. Os participantes foram divididos pelos vários temas e conheceram em sentido prático estas diversas perspetivas.

Para terminar o dia de sábado, falou-se do Lugar da Antropologia, em que Miguel Vale Almeida, antropólogo, Inês Espada Vieira, professora da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica (FCH), e o Pe. António Martins, refletiram sobre várias perspetivas antropológicas. Para Miguel Vale Almeida, a realização deste Simpósio é preponderante para o CNE sobretudo «quando a maior parte das pessoas são jovens e passam por uma fase em que é sempre difícil lidar com os afetos e com a sexualidade e é particularmente difícil quando se pertence a identidades que são discriminadas historicamente pela nossa sociedade». Este antropólogo acrescenta que «seres humanos nascem macho e fêmea, numa pluralidade de género e são pluriformes de desejo». Inês Espada Vieira destacou que é preciso criar empatia, porque «a língua portuguesa tem tantas formas de dizer a palavra amor», confidenciou que ouviu «duas pessoas a conversar, uma pessoa diz à outra “acho que vai haver um antes e de-

pois deste congresso”. Eu achei graça, acho que estas conversas em privado mostram de facto o impacto que estas conversas aqui em público estão a ter. Tem que haver mais, porque o que nós ouvimos hoje foi não só uma partilha de experiência, foi muito mais do que isso: foi conhecimento, foi reflexão séria, aprofundada, num ambiente em que não temos medo. Porque todos discordamos! Todos nós que estivemos aqui, nas mesas ou a assistir, há momentos em que concordamos e momentos em que discordamos, mas podemos falar das coisas. Acho que isso é um testemunho que o Simpósio deve deixar [...]. Espero que o diálogo já tenha começado, aliás o Papa Francisco tem falado muito nisso, que é através do diálogo, que no fundo é um encontro, que nós conseguimos andar para a frente».

### «Tudo o que vivemos deixa marca»

A manhã de domingo destinou-se ao Lugar da Reflexão Cristã, com uma conferência plenária do Pe. Jorge Cunha, sobre Teologia Moral, que referiu que «a Igreja tem feito muito para melhorar a nossa vivência da afetividade [...], não tenho ideia que a Igreja seja uma instituição retrógrada nisso. De qualquer maneira acho que a nossa cultura tem uma difícil tarefa, porque é uma cultura de barbárie, que se volta muito para a teoria e deixa de fora a ação. A vivência da afetividade é um lugar que temos que melhorar, para melhorar a vida das pessoas. Aquilo que Jesus nos ensinou está muito por viver».

Seguiram-se as conversas cruzadas, entre Paulo Pinto, Chefe Nacional Ad-



junto do CNE, Jorge Cotovio, dedicado ao projeto de catequese familiar, Luís Silva, professor de EMRC, que explicou a perspetiva da escola, Ana e Rodrigo Rhodes, um casal, Membros do Departamento Nacional da Pastoral da Família, que falaram do papel da família, e o orador Jorge Cunha.

Paulo Pinto frisou que na relação educativa com os jovens é necessário falar destas questões, porque «os nossos dirigentes estão calados quando são provocados pelos jovens. Fazemos 100 anos e durante estes 100 anos há uma chave em concreto para continuarmos a crescer: A relação educativa». O Chefe Nacional Adjunto lançou várias perguntas: «Porquê este tema hoje da afetividade e sexualidade? Foi porque até agora conseguimos dar resposta ou porque a resposta estava moralizada?» acrescentou ainda que «esta moralidade silenciou-nos com o exterior que vivemos», em relação aos jovens «Não temos de dizer o que eles querem ouvir, temos de dizer o que eles estão a sentir». Na opinião deste dirigente «eles veem uma pessoa à frente deles, não veem um homossexual. [...] Porque é que eu tenho que excluir a presença de um educador homossexual do CNE? Eu continuo a acreditar num Deus de amor, não num Deus de medo».

Luís Silva explicou que na sua perspetiva «a ideologia de género altera a nossa perceção da realidade. O papel do educador é acima de tudo de amor, mas amar também significa apontar um sonho. [...] O que faz o amor é interpretar, mesmo quando sou afetado negativamente pelo outro. [...] Tudo

o que vivemos deixa marca em nós». Para este professor «ninguém tem rótulos, ninguém sabe se somos heterossexuais ou homossexuais. Somos pessoas».

Em seguida, Jerónimo Trigo, professor de Teologia moral, que tem estudos e trabalhos desenvolvidos sobre as temáticas abordadas no Simpósio, e deixou sublinhados alguns pontos importantes para que o projeto possa continuar o seu caminho. Este encontro terminou com a celebração da Eucaristia, presidida por D. Jorge Ortega, que como sublinha o Assistente Nacional «não é a formalidade de domingo, é o ponto de chegada e de partida do caminho que estamos a percorrer, da reflexão que aqui fazemos».

### O futuro do projeto Entre Linhas

O Simpósio é resultado de um projeto de católicos, de escuteiros católicos, não é um diálogo com a Igreja, mas sim um diálogo de Igreja. Como destaca o Assistente Nacional do CNE, Pe. Luís Marinho, o Simpósio mostrou «claramente que não podemos acabar aqui e há ainda um caminho de aprofundamento necessário, sempre dentro da Igreja e com a Igreja. É essencial, com outros parceiros e outras entidades, para crescermos juntos, e como foi dito, sabermos discernir. Isso não se resolve com nenhum documento, mas com um caminho feito em conjunto». Juan Ambrosio, da equipa de coordenação Entre Linhas avalia positivamente o Simpósio: «o feedback é o contentamento de sermos capazes

de manter um diálogo, respeitando as diversas sensibilidades e as diversas perspetivas. [...] Uma das coisas que tínhamos muito presente era dialogar, ouvir, convocar os diversos saberes, convocar mesmo pessoas que pensam diferente, para que depois pudéssemos discernir melhor e ajudar melhor a que o CNE possa cumprir o seu papel de movimento que quer ser de educação integral dos nossos jovens e das nossas crianças, sem negar a sua identidade cristã, que essa identidade seja também marca visível desse exercício e dessa missão». A equipa Entre Linhas irá agora entrar na fase de propor atividades, sem entrar em questões concretas «mas que trabalhem a afetividade e a sexualidade num modo amplo, atividades para as secções e propor também um dossiê onde se possam apresentar reflexões, documentos, textos que ajudem os dirigentes a ficarem capacitados para cumprir a sua missão educativa também no contexto desta realidade», conclui Juan Ambrosio. ■

